

## Conversações do VIII ENAPOL

### ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

#### 8. Violência e segregação familiar

**Responsável EBP:** Maria Eliane Neves Baptista

**Participantes:** Késia Ramos, Lúcia Albuquerque, Roberta de Araújo Gusmão, Rosa Feitosa, Rosa Reis, Rosane da Fonte, Silvia Farias, Zaina Pereira

#### **Arranjos musicais com o gozo**

O trabalho *Arranjos musicais com o gozo*, dentro do tema Violência e Segregação Familiar, trata do projeto **Orquestra Criança Cidadã Meninos do Coque**, desenvolvido em uma comunidade localizada no bairro do Coque, na cidade do Recife, estado de Pernambuco, Brasil. Essa comunidade detém o menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e a maior concentração de violência e criminalidade no Recife.

O Programa foi idealizado pelo Juiz de Direito do Tribunal de Justiça de Pernambuco João José Rocha Targino e o principal objetivo era resgatar subjetiva e socialmente crianças, adolescentes e jovens, vítimas da violência urbana, oferecendo-lhes um espaço de formação musical que propiciasse a essa população a ascensão a outro status social.

O projeto está ligado à Associação Beneficente Criança Cidadã (ABCC), entidade privada sem fins lucrativos, e atende gratuitamente cerca de 330 crianças e jovens entre 7 e 24 anos.

Para a realização deste trabalho, foram entrevistados alguns alunos que participam do Projeto Orquestra Criança Cidadã na intenção de analisar e destacar o efeito produzido da transmissão das normas sociais, que constituem a base do funcionamento desse projeto.

Chamou-nos atenção nas entrevistas a rotina de atos de violência contra as mulheres: assassinatos, lesões corporais, assédios sexuais, estupro, pedofilia, e ainda a frequência com que as mulheres consentem em ocupar o lugar de objeto alvo de um gozo desenfreado, expondo-as a riscos extremos.

A ameaça constante vivida pelas famílias na comunidade do Coque retrata a ambivalência das mulheres que na posição de vitimas-sacrificadas, perpetuam essa forma de viver. Desse modo, oferecem-se para gozar do sacrifício, impondo-se um sofrimento interminável para atender ao apelo escravizante do supereu.

A violência contra as mulheres, que as estatísticas coincidem em assinalar como uma atrocidade em aumento, não é independente de uma época na qual os homens, não sem razão, experimentam as mudanças culturais como uma ameaça à sua identidade.<sup>1</sup>

A mulher permanece na esfera da desvalorização, da servidão, da segregação, sem se libertar da herança de uma construção da cultura, de um produto da história, da literatura e até da mitologia. As lendas narram histórias de deusas que personificam a discórdia. Um exemplo é Éris, a deusa romana –filha da deusa Nix, que personifica a Noite–, mãe da Dor (Algea), da Fome (Limos), da Desordem (Dysnomia) e de outros infortúnios.

A lenda mais famosa referente a Éris relata seu papel ao provocar a Guerra de Troia. Diz o mito que as deusas Hera, Atena e Afrodite foram convidadas para o casamento de Peleu e Tétis, com o restante do Olimpo. Éris, por conta de seu temperamento controvertido –a discórdia–, não foi convidada por não ser bem-vinda. Apesar disso, compareceu aos festejos do casamento e lançou no meio dos presentes o Pomo da Discórdia.

Na literatura é *A Intrusa*,<sup>2</sup> de Jorge Luiz Borges, que narra a história de dois irmãos que vivem juntos e pacificamente até o dia em que um resolve levar uma mulher para morar com eles. Ambos se apaixonam por ela e a discórdia se instala. Resolvem, então, matá-la para que cessem os atos de violência e a paz volte a reinar.

Os Mitos e as criações literárias retratam a agressividade que torna operante a lógica segregativa estabelecida pelo par violentas-violentadas. Todavia, considerar a mulher como a principal vítima da violência significa enfatizar a diferença anatômica entre os sexos. Essa concepção vai de encontro ao discurso sobre o gênero, cuja teoria implica a oposição entre feminino e masculino, e não no que diz respeito ao sexual.

Segundo Marie-Hélène Brousse, o uso do significante gênero, substituindo ser sexuado, indica uma passagem da nomeação para o Outro –“tu és mulher”, “tu és homem”–, para a autonominação, isto é, para a possibilidade de cada falasser escolher a que gênero quer

---

<sup>1</sup> Dessal, G., *Se buscan hombres*. Madrid: Gredos. 2009, p. 27.

<sup>2</sup> Borges, J. L., *La intrusa*. *El Aleph*. Buenos Aires: Alianza/Emecé. 1985, pp. 175-180.

pertencer entre as 56 opções oferecidas pelo facebook nos EUA, ou entre as 17 opções oferecidas no Brasil.<sup>3</sup>

Em seu último ensino, Lacan fala sobre a diferença entre os sexos mediante uma escrita lógico-matemática.<sup>4</sup> Ele delimita a posição masculina e a feminina por meio das modalidades de gozo.

O falo é o ponto de partida dessa formulação cuja função define-se pelo modo como a variável x vem lhe dar suporte definindo os sexos do lado feminino, não-todos são castrados e do lado masculino, todos são castrados.

A psicanálise aproxima a violência do modo de gozo feminino ilimitado, deslocalizado, em oposição ao modo de gozo da posição masculina orientado pelo falo. Assim, a psicanálise se diferencia do discurso sobre o gênero.

Na teoria lacaniana, o termo violência não se encontra presente como um conceito psicanalítico. É a agressividade que, no texto *A Agressividade em Psicanálise*, Lacan toma como um conceito destacando que “a agressividade se manifesta numa experiência que é subjetiva por sua própria constituição”,<sup>5</sup> surge na relação com o semelhante.

A agressividade [...] pode permanecer, e em geral permanece, como um sentimento íntimo, nutrido e cuidado, sem que, necessariamente, se concretize em ato. A violência, entretanto, seria a manifestação do real da agressividade. Ela caminha pela via da deslocalização, da irrupção pulsional, em desacordo com o gozo fálico e paralelamente à desordem do real.<sup>6</sup>

A psicanálise de orientação lacaniana não se detém nas narrativas de acontecimentos violentos para encontrar sua lógica, nem tampouco para considerá-los pelo viés sociológico, mas na perspectiva de um gozo impossível de simbolizar.

---

<sup>3</sup> Brousse, M.-H., *Psicanálise, gênero e feminismo*. 2015. 1 vídeo (94 min), son. col. *Youtube*. 8 maio 2017. <http://moviepsi.blogspot.com.br/2015/11/psicanalise-genero-e-feminismo-marie.html>

<sup>4</sup> Lacan, J., *O seminário, livro 20. Mais, ainda*. Rio de Janeiro: J. Zahar. 1985.

<sup>5</sup> Lacan, J., Agressividade em psicanálise. Conferência pronunciada em Bruxelas em maio de 1948 no XI Congresso dos Psicanalistas de Língua Francesa. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar. (1998, p. 104.

<sup>6</sup> Machado, O. M. R., Violência e feminização do mundo. Derezensky, E. (Org.), *A violência: sintoma social da época*. Belo Horizonte: Scriptum Livros. 2013, p. 139.

O gozo feminino, e seus impasses, com os quais o mundo se confronta, ultrapassa os limites da lei e se opõe à referência ao Nome-do-Pai em busca da satisfação pulsional sem nenhuma interdição.

Em seu curso *O Outro que não Existe e Seus Comitês de Ética*, Jacques-Alain Miller e Éric Laurent falam da feminização do mundo.<sup>7</sup> Laurent destaca que, quando se fala em feminização do mundo, não se trata de referir o número de mulheres que exercem profissões anteriormente ditas masculinas, nem ao talento das mulheres para determinadas profissões. Segundo ele, a verdadeira feminização do mundo diz respeito ao fato de as mulheres se sentirem mais cômodas diante do Outro que não existe perante o mundo, sem rumo, perdido.<sup>8</sup>

Nas entrevistas realizadas com alguns alunos da Orquestra Criança Cidadã, os atos de violência narrados tornam presente o real sem lei, apontam para o fracasso do sistema simbólico como regulador do gozo que emerge em diversas formas. Nessas entrevistas chama mais atenção a que foi realizada com Diana (nome fictício de aluna da orquestra), de 19 anos, que presenciou o assassinato dos pais e dos irmãos por traficantes de droga. Diz ela que, quando estava na comunidade, frequentemente, durante a noite, ouvia troca de tiros, o que a impedia de dormir.

Depois do assassinato da família, Diana foi adotada por uma vizinha, que a encaminhou para o Projeto Orquestra Criança Cidadã. A bateria foi o instrumento musical por ela escolhido.

Hoje em dia, ela sustenta que só consegue dormir quando escuta mentalmente o som desse instrumento.

Diana encontrou uma forma para pacificar o “vozeirão” do Outro da favela, que a atormenta com o pior, por meio de um instrumento cujo produto é a harmonia musical. Transforma o objeto voz na dimensão do *Unheimlich* e eleva-o à categoria do belo, produzindo entusiasmo em quem a ouve tocar.

No Seminário 10, *A Angústia*, Lacan privilegia o conceito de *Unheimlich* para tratar da relação da angústia com a presença do objeto *a*, destacando que esse conceito freudiano “é

---

<sup>7</sup> Miller, J.-A., Laurent, E., (1996-1997) *El outro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós. 2005.

<sup>8</sup> *Ibidem*.

o eixo indispensável para abordar a questão da angústia”.<sup>9</sup> Nessa direção, Lacan explora de maneira minuciosa o vínculo *a-Unheimlich*.

*Unheimlich* é um significante que alude a um afeto angustiante, obscuro, que inquieta e causa horror e, ao mesmo tempo, concerne ao mais íntimo, ao mais familiar.

“A *Unheimlichkeit* é aquilo que aparece no lugar em que deveria estar o menos *phi*”,<sup>10</sup> ou seja, é o que emerge inesperadamente na cena como o desconhecido mais conhecido, o estranho mais familiar, mais *heim*.

O fenômeno angustiante do *Unheimlich* surge quando o hóspede objeto *a*, que ‘já estava ali’ domesticado, admitido, apaziguado pelo marco da fantasia, apresenta-se como o que ‘não pode ser dito’ quer dizer como aquilo que não pode se significantizar ou como o que carece de imagem especular.<sup>11</sup>

O objeto voz, da mesma forma que os outros objetos, pode emergir com a aparência angustiante e dolorosa, *Unheimlich*, quando retorna ao campo subjetivo, de forma imperativa e invasiva reaparecendo, pelo fracasso de sua extração do campo do Outro, como um grito áfono, por exemplo, nas balas perdidas ou no som dos tiros ouvidos por Diana.

Como afirma Jacques-Alain Miller, “se falamos tanto [...], se conversamos, se cantamos, [...] se fazemos e ouvimos música”,<sup>12</sup> é para fazer calar a voz como objeto *a* que Lacan remete ao supereu.

Os adolescentes da Orquestra Criança Cidadã, como artesãos do belo, constroem uma defesa subjetiva diante do Outro gozador, um modo de apaziguar-se, de vivificar e fazer laço. Ao serem acolhidos na orquestra, ganham um novo estatuto. Adquirem valor fálico. Deixam a comunidade atravessados pela violência e retornam dignificados, inseridos como cidadãos com algo a oferecer ao mundo.

---

<sup>9</sup> Lacan, J., *O seminário, livro 10. A angústia*. Rio de Janeiro: J. Zahar. 2005, p. 51.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>11</sup> Furman, M., *Unheimlich. Scilicet: Os objetos a na experiência analítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2008, p. 347.

<sup>12</sup> Miller, J.-A., Jacques Lacan e a voz. *Opção lacaniana Online nova série*. Ano 4. N. 11. 2013 julho, pp. 12-13. Extraído 18 maio 2017.

Saldam a dívida com o Poder Público e o Poder Judiciário, que proporcionaram a existência desse projeto, levando a arte além-fronteiras, fazendo ressoar pela música o desejo de separar-se de um pesadelo, esse inferno institucionalizado que a vida promíscua da favela proporcionou.

A Orquestra Criança Cidadã Meninos do Coque tem parceria com instituições nacionais e internacionais, e conta com o apoio do Exército na instalação e manutenção da sua sede. Em 2010, a Organização das Nações Unidas (ONU) reconheceu a Orquestra Criança Cidadã como excelente exemplo de inclusão social, enaltecendo o trabalho comunitário do Poder Judiciário em Pernambuco.

O projeto reescreve o real pulsional, atemorizante, que submerge o sujeito, presente na comunidade do Coque por meio das passagens ao ato. Graças à música, jovens alunos do Programa como Eugênio (nome fictício), abandonado ainda bebê, e Maria (nome fictício), violentada sexualmente, conseguem operar um novo fazer com o real.

Há um real na música que ressoa, que interpela e comove o sujeito, que produz entusiasmo, que faliciza.

Diante do risco iminente presente na comunidade do Coque, crianças, adolescentes e jovens se dão uma oportunidade. Saem da categoria dos segregados socialmente, das vítimas da violência urbana, dos ninguéns tão bem retratados no texto de Eduardo Galeano.

### **Os ninguéns**

As pulgas sonham em comprar um cão, e os ninguéns com deixar a pobreza, que em algum dia mágico de sorte chova a boa sorte a cântaros; mas a boa sorte não chove ontem, nem hoje nem amanhã, nem nunca, nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte, por mais que os ninguéns a chamem e mesmo que a mão esquerda coce, ou se levantem com o pé direito, ou comecem o ano mudando de vassoura.

Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada.

Os ninguéns: os nenhuns correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos;

Que não são embora sejam.

Que não falam idiomas, falam dialetos.

Que não praticam religiões, praticam superstições.

Que não fazem arte, fazem artesanato.

Que não são seres humanos, são recursos humanos.

Que não tem cultura, têm folclore.

Que não têm cara, têm braços.

Que não têm nome, têm número.

Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.

Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Galeano, E., *Os ninguéns. O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM. 2002, p. 42.